

# **PATRIMÔNIO CULTURAL DOCUMENTAL: OS MANUSCRITOS DE CORIOLANO BENÍCIO E AS SUAS ESCRITAS DE SI**

JOÃO PAULO BORGES DA SILVEIRA \*

**RESUMO:** O presente texto visa refletir sobre o conceito de memória social e as escritas de si contidas em documentos manuscritos de arquivos pessoais, compreendendo tais arquivos como patrimônio documental e cultural. Coriolano Benício (1911-1984), cidadão rio-grandino, dedicou-se às artes e a cultura, deixando preservado em seu arquivo uma documentação dos mais variados tipos e que refletem diferentes períodos de sua vida pessoal e profissional. Este texto é parte integrante de minha pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), no qual trabalhei com o arquivo pessoal de Coriolano Benício e suas relações com (auto) biografia e memória social. Não se pretendeu aqui extinguir todas as possibilidades de análises do arquivo e/ou sobre a figura de Coriolano Benício, mas sim expor parte das reflexões realizadas a partir do contato com a documentação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Manuscritos. Escritas de si. Arquivos pessoais. Coriolano Benício.

**ABSTRACT:** This paper aims to reflect on the concept of social memory and written themselves contained in handwritten documents of personal files, including these files such as documents and cultural heritage. Coriolano Benício (1911-1984), rio-grandino citizen, dedicated to arts and culture, leaving preserved in his personal documentation all kinds and reflecting different periods of his personal and professional

---

\* Docente da Universidade de Caxias do Sul (UCS) e Bibliotecário da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas de Pelotas (UFPEL). Especialista em Gestão de Arquivos pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e em Educação pelo Centro Universitário Barão de Mauá (CBM). Bacharel em Biblioteconomia pela FURG. Contato: joao-pbs@hotmail.com.

life. This text is part of my research developed at the Postgraduate Program in Social Memory and Cultural Heritage by the Universidade Federal de Pelotas (UFPel), in which I worked with the personnel file of Coriolano Benício and his relations with (auto) biography and social memory. It was not intended here to extinguish all the possibilities for file and / or analysis on the figure of Coriolano Benício, but rather expose some of the reflections made from the contact with the documentation.

**KEYWORDS:** Manuscripts. Written himself. Personnel Papers. Coriolano Benício.

## INTRODUÇÃO

Os arquivos pessoais são produzidos por um indivíduo, como produto de suas atividades pessoais, profissionais ou ainda pelo ato de colecionar materiais de sua preferência, estando ou não ligados diretamente à figura de seu produtor, podendo reunir documentos em papel e/ou objetos variados. Diferenciam-se dos arquivos públicos, que são relacionados à rotina administrativa e jurídica de uma instituição, e, também, dos arquivos familiares, que nos remetem a arquivos formados por mais de uma pessoa, por vezes, repassados e organizados por mais de uma geração. Os arquivos pessoais são de cunho privado, ao menos assim se formam, constituindo uma representação identitária do seu produtor.

Diante do exposto, o presente texto visa refletir sobre o conceito de memória social e as escritas de si contidas em documentos manuscritos de arquivos pessoais, compreendendo tais arquivos como patrimônio documental e cultural. Para basear a discussão, partimos do arquivo pessoal de Coriolano Benício (1911-1984), cidadão rio-grandino que se dedicou às artes e a cultura, deixando preservado em seu arquivo uma documentação dos mais variados tipos e que refletem diferentes períodos de sua vida pessoal e profissional. Para este estudo analisaremos os documentos manuscritos por Coriolano Benício, estes possuem caráter autobiográfico, no qual o seu produtor escolheu narrar fatos de sua trajetória de vida pessoal e profissional, as suas

escritas de si.

Heymann (1997) chama a atenção que os arquivos pessoais, não necessariamente, são espelhos das trajetórias de vida das pessoas que o produziram, compreendendo que as marcas deixadas no arquivo são intencionais, registrando o que foi considerado importante, em uma relação que só o produtor conseguiria explicar o porquê de guardar alguns documentos e não outros. Ao pesquisador cabe problematizar as suas questões de pesquisa com os materiais preservados nos arquivos. No caso do arquivo pessoal de Coriolano Benício a documentação serve como fio para uma tentativa de entrelaçamento dos fatos da sua vida, com isso, compreende-se que tais fatos provavelmente não foram o único da sua vida.

### **CORIOLANO BENÍCIO E SEU ARQUIVO PESSOAL**

Coriolano Mário de Araújo Benício nasceu em 24 de maio 1911, na cidade de Rio Grande/RS. O quarto dos cinco filhos do casal João Pedro Benício (músico) e Rachel Lopes de Araújo Benício (dona de casa), demonstrava desde a infância os sinais de sua veia artística, escrevendo e desenhando aos 13 anos a revista *O Beija-Flor*, não publicada oficialmente, a qual circulou entre abril e novembro de 1924 entre seus colegas de turma. O conteúdo da revista era voltado para crianças como ele, por isso, entre as temáticas abordadas estavam histórias em quadrinhos, desenhos para pintar, sessão literária, propagandas fictícias, etc. Ao todo foram 16 produções que estão preservadas em seu arquivo pessoal. A Figura 1 apresenta Coriolano Benício na juventude.

**Figura 01:** Coriolano Benício



**Fonte:** Museu de Comunicação Rodolfo Martensen.

Em sua trajetória profissional, Coriolano Benício trabalhou como teatrólogo, jornalista, carnavalesco e literato. No teatro começou a atuar aos 21 anos, sendo que aos 22 anos fundou a *Companhia Beira-Mar de Amadores de Teatro*, mantendo-se ativa por mais de meio século na cidade do Rio Grande. Coriolano Benício também participou de dezenas de outras companhias teatrais durante a sua carreira, percorrendo os palcos do interior do Rio Grande do Sul. Em sua carreira teatral destacou-se com o personagem Borrromeu, um palhaço que se apresentava sozinho ou com mais atores, com este papel Coriolano também trabalhou inclusive em programas de rádio, como na antiga Rádio Cultura, da cidade de Pelotas/RS.

No setor carnavalesco, Coriolano Benício fundou o *Clube Carnavalesco e Corpo Cênico Irresistíveis*, no qual além de realizar festejos de salões, participava dos desfiles de rua da cidade como uma escola de samba. O Corpo Cênico *Irresistíveis* atuava também no campo teatral, paralelamente com a Companhia Beira-Mar.

Enquanto jornalista, ele trabalhou em dezenas de jornais da cidade e do Estado, tendo dirigido três periódicos rio-grandinos, o primeiro aos 19 anos de idade, chamado O Tagarela. Como literato, foi um dos fundadores da Academia Rio-grandina de Letras e da Casa do Poeta Rio-grandino, nesse período publicava seus textos em jornais da cidade, por fim escreveu dois livros: um literário e uma biografia.

Ao longo da sua trajetória de vida, recolheu e armazenou documentos que para si foram significativos, tanto de instituições e atividades das quais participou, como materiais referentes às artes e cultura rio-grandina. Não fica evidente na documentação de seu arquivo pessoal a forma como o reunia e organizava, mas sabe-se que parte é oriunda de doações, seja de familiares ou de amigos, essa informação foi obtida através de datações de alguns documentos, como uma revista de 1913, publicada quando ele tinha apenas dois anos de idade.

O arquivo pessoal de Coriolano Benício está sob a guarda do Centro de Documentação Histórica Professor Hugo Alberto Pereira das Neves (CDH), da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), há indícios de que foi doado à instituição ainda na década de 1980, após o falecimento de seu produtor. O arquivo de Coriolano no CDH é composto por cerca de 5.400 documentos dispostos (até a realização desse estudo) em 30 pastas arquivos e complementam o arquivo cerca de 1.000 revistas de entretenimento, nacionais e regionais.

Essa documentação é uma parcela do arquivo pessoal de Coriolano Benício, já que o acervo original foi desmembrado em três partes antes da doação ao CDH: uma primeira parte foi doada ao Museu de Comunicação Rodolfo Martensen da FURG, constituído de fotografias, jornais, cartazes e prospectos sobre teatro e cinema; uma segunda parte do acervo está com um amigo de Coriolano Benício, no qual não obtive contato com essa documentação; e, uma terceira parte do acervo que se encontra com o CDH. Percebe-se então que o acervo original sofreu mais de uma intervenção, a primeira que foi de seu produtor, Coriolano Benício, a segunda da pessoa que desmembrou o acervo para as doações e por terceiro das pessoas que receberam a

documentação no CDH, sendo que ainda foram organizados na época da doação, sofrendo novamente intervenção no princípio de proveniência<sup>1</sup> do acervo, já ocorrido na partição do conjunto documental original.

A documentação do arquivo pessoal de Coriolano Benício que está sob a guarda do CDH, compreende as seguintes pré-tipologias identificadas: cartazes e prospectos com anúncios de espetáculos teatrais e filmes em exibição em cinemas da cidade do Rio Grande; jornais; recortes de jornais; revistas de entretenimento do Estado e do país; fotografias; documentos epistolares; documentação jurídica e contábil das instituições no qual esteve vinculado; e, cartão de apresentação de atores/atrizes e documentos manuscritos (pequenas notas, documentos extensos – como cadernos – em que ele narra a sua trajetória de vida particular, profissional e relatos sobre a cidade do Rio Grande).

O ciclo vital dos documentos arquivísticos compreende três idades distintas, que são: primeira idade ou arquivos correntes; segunda idade ou arquivo intermediário; e, terceira idade ou arquivos permanentes. De acordo com o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (2005), o arquivo permanente é o “conjunto de documentos preservados em caráter definitivo em função de seu valor”, ou seja, “também chamado arquivo histórico”, como se caracteriza o arquivo pessoal de Coriolano Benício.

Barros e Neves (2009, p. 60), entendem o “documento arquivístico como um bem cultural patrimonial”, ou seja, patrimônio documental, no qual “os acervos são associados à categoria de patrimônio, e passam a ser vistos como material cuja preservação deve ser garantida em nome da memória da coletividade, seja local seja nacional” (HEYMANN, 2009, p. 01), associando-se assim a ideia de Halbwachs (2006), que a memória individual é um ponto de vista da memória coletiva, ou ainda, representação de uma sociedade. O documento arquivístico, como

---

1 Princípio básico da arquivologia segundo o qual o arquivo produzido por uma entidade coletiva, pessoa ou família não deve ser misturado aos de outras entidades produtoras. (Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística, 2005).

bem cultural, se coloca como fonte para as pesquisas históricas, tendo ainda relevância para diversas áreas das Ciências Humanas e Sociais, pois se colocam como testemunhos do passado que representam.

Nas pesquisas de caráter histórico, os arquivos pessoais chamam a atenção por não serem produzidos em âmbitos institucionais, entrelaçados por suas relações hierárquicas de poder, mas sim, por serem produtos das relações sociais vivenciadas e preservadas por seu produtor, em foro privado. Segundo Heymann (1997, p. 41), o trabalho com os arquivos pessoais causam “a impressão de que se está tomando contato com frações muito íntimas da história e de seus personagens”, documentação o qual tem instigado cada vez mais os pesquisadores e os leitores, o que pode ser percebido pelas vendas de textos autobiográficos e biográficos no âmbito editorial, livros os quais muitas vezes são frutos do contato do pesquisador com os arquivos pessoais dos biografados (GOMES, 2004).

## MEMÓRIA E ESCRITAS DE SI

O conjunto documental do arquivo pessoal de Coriolano Benício se caracteriza por ser um patrimônio da cidade do Rio Grande, devido ao seu conteúdo sobre a cultura e as artes de uma determinada época e região. Sendo assim, o arquivo é representativo das memórias de seu produtor, Coriolano Benício, que além de colecionar documentos sobre a sua profissão e sua cidade, descreveu e armazenou os fatos que considerou importantes em sua vida. A memória individual de Coriolano Benício é a representação de grupos sociais com que teve contato ao longo de sua vida, fazendo com que as suas escritas de si sejam então memória coletiva de/sobre o contexto social em que viveu.

O conceito de memória coletiva primeiramente foi discutido por Halbwachs em seu livro *Lês cadres sociaux de la mémoire* (1925), mas foi em *A memória coletiva* que o autor se sobressaiu na conceitualização e compreensão da memória em/de uma sociedade. Para Ricoeur (2007, p. 130), “deve-se a Maurice Halbwachs a audaciosa decisão de pensamento que consiste em

atribuir a memória diretamente a uma entidade coletiva que ele chama de grupo ou sociedade”.

Halbwachs (2006), afirma que precisamos de testemunhos para evocar as nossas lembranças, como se servissem de pontos de acesso para que possamos recuperar as lembranças de nossas vivências. O primeiro testemunho que evocamos para nos auxiliar nessa atividade é o nosso mesmo, ou seja, os fatos para serem lembrados estão armazenados em nosso cérebro, o que precisamos é conseguir chegar até as lembranças. Sobre os testemunhos apontados por Halbwachs, Ricoeur (2007, p. 131), afirma que “o testemunho não [deve ser] considerado enquanto proferido por alguém para ser colhido por outro, mas enquanto recebido por mim de outro a título de informação sobre o passado”, servindo de ponto de acesso as lembranças compartilhadas, portanto coletivas.

Outros testemunhos (externos) nos ajudam a alcançar nossas lembranças, assim como, reforçam o seu teor de veracidade. Quando conversamos com amigos, sobre algo acontecido em conjunto há muitos anos e que mal nos lembramos, são fornecidos pontos de lembranças e a partir deles conseguimos recordar, assim como, o que foi comentado por nós sobre o determinado fato também os ajudam a lembrarem-se de outras situações, isso acontece como uma rede de lembranças.

Cada pessoa vivenciou e registrou o acontecido de sua maneira, por isso para um o que ficou marcado foi um determinado fato que talvez o outro não se recorde mais. O registro do acontecimento e a sua intensidade de armazenamento são diferentes para cada indivíduo, mesmo que tenham vivido juntos os fatos, já que isso depende das demais vivências particulares de cada um. Ao realizar uma viagem, talvez aquele que nunca viajou para o determinado lugar armazene muito mais sobre a paisagem, por exemplo, do que os demais que estão habituados com o local.

Diante do exposto é que se identifica a questão de memória coletiva, já que o que foi vivenciado em sociedade é passível de ser recordado pelos mesmos, entendendo que vivemos em uma comunidade, então todas nossas vivências e possíveis lembranças

são coletivas, ora com um grupo, ora com outro. Pollak (1989, p. 03), reforça o conceito de memória coletiva quando afirma que, o que “é comum a um grupo e o que o diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras sócio-culturais”, fazendo com que nos reconheçamos como grupo social e partilhemos as nossas memórias.

Ao se registrar em seus manuscritos, Coriolano Benício escreveu as *suas* lembranças sobre determinados fatos, como a criação de sua companhia teatral. A princípio, as informações descritas com tantos pormenores pertencem a ele, contudo, as origens de suas lembranças são múltiplas, tanto em relação aos amigos que juntamente criaram e fundaram a Companhia Beira-Mar Amadora de Teatro, quanto às pessoas envolvidas nas redes sociais dos criadores e até mesmo envolvendo a sociedade rio-grandina no geral, já que foi principal campo de atuação da companhia.

Entende-se que cada membro do grupo de fundadores, preservou as lembranças a seu modo, apesar de terem vivenciado até os mesmos acontecimentos. Cada fundador preservou em sua memória os atos mais significativos para si e para o grupo. Coriolano Benício descreve em seu manuscrito 003<sup>2</sup> a criação da Companhia Beira-Mar:

Ainda naquele mesmo ano, de 1932, a 19 – fundávamos com outros amigos da época um novo grupo de teatro – o Beira-Mar, cujo espetáculo inaugural efetuou-se a 15 de janeiro do ano seguinte, isto é, de 1933.

Fomos o fundador, o Diretor e o Ensaaiador desde aquela data e somos até os dias que correm e o pretendemos ser por muitos anos, se Deus assim permitir [...] (BENÍCIO, [s. d.]).

Observa-se que Coriolano Benício se auto-refere em terceira pessoa, quando se utiliza a expressão “fomos” está se referindo a si próprio, não ao seu grupo, já que nos manuscritos (os que se referem a si) estão escritos da mesma maneira, inclusive nos

---

<sup>2</sup> A numeração dos manuscritos foi realizada pelo autor, a partir da fotocopiagem de todos os documentos presentes no acervo.

relatos de sua infância. Outra questão sobre o trecho citado, é que exemplifica a questão da influência do grupo em nossas lembranças, provavelmente ele ao escrever sobre a criação da companhia sabia o nome e a função de cada integrante do seu grupo, mas não registrou, talvez porque a intenção do registro era somente a escrita de si (tendo a cidade do Rio Grande como contexto de suas atividades), e preferiu narrar apenas a sua participação. Contudo, a lembrança da fundação da companhia foi coletiva, apesar talvez de um lembrar-se melhor da data, o outro do local, assim por diante.

Para Halbwachs (2006), é necessário que haja pontos em que possamos apoiar nossas lembranças, para assim poderem ser recuperadas em um futuro, caso deseje, haja necessidade ou de forma involuntária. Em muitos casos não conseguimos nos lembrar de um acontecimento que vivenciamos, mesmo que os testemunhos (pessoas ou objetos) se esforcem para nos ajudar a recordar depois de transcorrido certo tempo. Isso acontece porque para nós o acontecimento não foi significativo e/ou não foi tão rotineiro que não nos marcou, passaram despercebidos, ou ainda, pode ter havido um bloqueio dessa lembrança em nosso cérebro.

Meyer (2009, p.33) reforça essa tese quando diz que “a memória, às vezes, nos trai. Aparentemente não registra ou não quer registrar o que ocorreu, mas vai construindo uma ideia aproximada desse acontecer”. Não conseguimos nos lembrar, pois perdemos o contato com os testemunhos, ou seja, perdemos o vínculo que poderíamos ter para acessar nossas lembranças.

Nesse sentido, Candau (2009, p. 05), afirma que os testemunhos ou o elo que construiria a memória compartilhada, tendo como princípio à partilha de experiências, são os chamados sócio-transmissores, no qual o autor os conceitua como “todas as produções e comportamentos humanos que estabelecem uma cadeia causal cognitiva social ou cultural<sup>3</sup>”.

O nosso afastamento de determinados grupos sociais, que fizemos parte outrora, favorece para que posteriormente, ao tentarmos recuperar lembranças dessas vivências, estas já sejam mais difíceis de serem recuperadas, e quando são recuperadas, por

---

3 Tradução nossa.

vezes, nos sentimos como expectadores da cena, parecendo que não participamos. Há de considerar também, que as lembranças das vivências com o grupo são individuais, no sentido que ao mesmo tempo em que as armazenamos, as entrelaçamos com as nossas vivências em outros grupos, que faz delas individuais pelas interligações que fizemos com outras que o grupo em questão não participou, mas ao mesmo tempo por ser uma lembrança vivenciada por um grupo a faz uma memória coletiva deste.

Os manuscritos de Coriolano Benício podem servir como testemunhos para que as pessoas que conviveram com ele ou as que participaram indiretamente de suas atividades possam evocar suas lembranças sobre momentos de suas vidas. Para os que não tiveram contato com Coriolano e/ou com suas atividades, ficam os seus relatos e fotografias, na busca de construir uma memória reconstituída, que não é sua, como citado por Meyer (2009), é mais uma memória do que deve ter acontecido, se portando este como indivíduo de fora da vivência, no qual nunca poderá compreender exatamente o momento lembrado, cabendo este papel ao biógrafo, considerando que nunca poderá saber o que realmente aconteceu.

A documentação do arquivo de Coriolano Benício se caracteriza por serem as lembranças do seu autor, lembranças das quais não podemos distinguir qual grupo social contribuiu para cada pensamento registrado. Para Halbwichs (2006), cada pessoa tem suas memórias entrecruzadas pelas diferentes lembranças de cada grupo que fez parte, tornando então suas lembranças únicas, sendo que ninguém, por mais que tenha convivido em mais de um grupo social com Coriolano Benício possa ter as mesmas lembranças que ele teve.

Segundo Izquierdo (2002, p. 10) “o conjunto das memórias de cada um determina aquilo que se denomina personalidade ou forma de ser”, ou ainda, a memória individual, a sua identidade. As escritas de si presente em arquivos pessoais, como nos manuscritos de Coriolano Benício, por vezes marcam a intenção do autor de reafirmar a sua identidade. O documento 013 evidencia tal intenção, como demonstra a transcrição de parte de seu conteúdo:

O traço predominante do meu caráter:  
A franqueza,  
A qualidade que prefiro na mulher;  
Agradar-me,  
Minha principal qualidade:  
Que digam os meus desafetos, se é que os tenho,  
O meu defeito principal:  
Dizer o que penso,  
O que eu desejaria ser:  
Eu mesmo,  
[...]  
(BENÍCIO, [s. d.]).

Sobre a construção do conceito de memória coletiva, Candau (2008) adverte que para ele, o conceito ainda é frágil e merece atenção e cuidados ao ser trabalhado. Para o autor, a memória individual é a coleção dos momentos vividos e armazenados pelo cérebro, já a memória coletiva é mais complexa e subjetiva, pois se daria na transmissão de informações sociais e culturais, ou seja, o compartilhamento de memórias, no qual os sócio-transmissores são os responsáveis pela construção da memória dita coletiva.

Ainda com o conceito de memória coletiva de Halbwachs (2006), o indivíduo se entende como pertencendo a um determinado grupo social, já que compartilha das mesmas lembranças, a partir dos testemunhos dados para tal. Enquanto pertencente a um grupo, o indivíduo se reconhece como “eu”, ou seja, se identifica no grupo e se identifica como um ser único em seu meio social.

Diante da breve exposição sobre a memória social, entendemos que para lembrar-se é preciso dos outros, precisamos da evocação dos testemunhos. Cada indivíduo organiza e armazena as memórias de sua forma, em relação a isto, são individuais, contudo, toda memória é advinda de uma experiência coletiva. Sendo assim, as narrativas presentes nos manuscritos de Coriolano Benício refletem as suas memórias individuais sobre a sua vida particular e suas vivências em diferentes grupos sociais em que participou, memória individual sempre interceptada pelo coletivo.

Para Halbwachs (2006, p. 69) “[...] a memória coletiva tira sua força e sua duração por ter como base em conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo”. Sendo assim “a sucessão de lembranças, mesmo as mais pessoais, sempre se explica pelas mudanças que se produzem em nossas relações com os diversos ambientes coletivos [...]” (HALBWACHS, 2006, p. 69). Há de se observar que as nossas memórias se transformam conforme os grupos sociais em que estamos inseridos, dessa maneira eles são essenciais para construir, armazenar e preservar nossas lembranças, como diz o autor, “mesmo as mais pessoais”.

Entende-se então, que o acervo de manuscritos de Coriolano Benício se caracteriza pelas marcas de suas escritas de si a respeito de sua vida, acontecimentos que marcaram o autor e o qual ele quis deixar registrado, tanto nos documentos manuscritos como no ato de colecionar documentos significativos para si. O acervo ainda pode ser entendido como testemunho de um passado cultural e artístico da cidade do Rio Grande, servindo também para evocar lembranças.

Para Cunha (2007), os diários íntimos são escritos de si e geralmente para si mesmo, “refúgios do eu” ou “repositórios de lembranças”. Os manuscritos de Coriolano não chegam a serem caracterizados como diários, pois não apresentam datação nos escritos, podendo ter sido escritos em períodos distintos, sendo que a mesma autora caracteriza os diários como escritas traçadas pelo tempo, com uma ordem cronológica contínua ou mesmo descontínua (com intervalos nas escritas), no qual o autor é testemunha do tempo presente na sua narrativa.

Entretanto, o papel por vezes é a maneira de se registrar, se preservar, são escritas de caráter autobiográfico, já que seu escritor narra os fatos que considera importante na sua vida. Cunha (2007, p. 55), caracteriza “a escrita como ferramenta de uso social, estes testemunhos (auto) biográficos são atos de memória que dão ensejo a percepções/representações de um tempo”. Já Lejeune (1975 apud FRAIZ, 1998, p. 74), aponta que as escritas autobiográficas se caracterizam por ser uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria

existência, acentuando sua vida individual, particularmente a história de sua personalidade”, havendo separação temporal da escrita do fato vivido e registrado.

As escritas de si, por Coriolano Benício ao seu respeito, representam mais do que a narração de sua vida particular, mas refletem as suas obras, a sua trajetória profissional enquanto artista e escritor. Um arquivo pessoal é também um afirmador de identidade, estabelecida pelo discurso do seu produtor nos documentos manuscritos, e pelo discurso de terceiros, através do material armazenado. Segundo Cook (1998, p. 131), “os arquivos são evidências das transações da vida humana”, transações estas, por exemplo, pela documentação não produzida por Coriolano, mas presentes em seu acervo.

Nas escritas de si, “o indivíduo assume uma posição reflexiva em relação à sua história e ao mundo onde se movimenta” (MALATIAN, 2011, p. 195), registrando os fatos marcantes de sua vida pessoal e profissional, segundo seu próprio olhar, evidenciando, como afirma Ribeiro (1998, p. 35): “o desejo de perpetuar-se [...] de constituir a própria identidade pelos tempos adiante [...]”. Os documentos manuscritos possuem um viés autobiográfico, já que “foi o próprio narrador quem se dispôs a narrar sua vida, deu a ela o encaminhamento que melhor lhe pareceu e deteve o controle sobre os meios de registro” (QUEIROZ, 1988 *apud* PEREIRA, 2000, p. 118). Sendo que em 18 destes documentos, Benício descreve detalhes da sua vida pessoal, deste o nascimento até a fase adulta, de forma clara e seguindo uma sequência cronológica para a narração dos fatos, considerando que “a narrativa revelará sempre a marca do narrador” (BENJAMIN, 1975, p. 69), a sua percepção de si através de sua escrita.

Para Fraiz (1998), o ato de construir e manter um arquivo pessoal próprio, parte do desejo de torná-lo público em algum momento. A partir da análise do arquivo e de refletir a respeito, aponta-se à hipótese de que Coriolano Benício, mais do que apenas registrar-se para si, como afirmador de identidade, ele escrevia para que um dia seus escritos viessem a público ou até mesmo poderia ser a sua autobiografia, já que possuía conhecimentos

sobre essa tipologia textual, afinal, ele próprio foi um biógrafo. Contudo são apenas hipóteses que emerge do contato com documentação manuscrita. O documento 025 dá margem a ideia de que Coriolano poderia ter a intenção de publicar seus manuscritos:

Você sabia...

... que a veia artística do nosso querido Diretor foi descoberta por um saudoso conterrâneo de nome Osmar Santos Cruz, que o lançou no palco (em 1932,) numa peça de sua autoria ,“O Poder da Fé”?

... que (,) nessa sua auspiciosa estreia teve como Diretor, como “ponto”, o hoje deputado (Federal) dr. Carlos da Silva Santos?

... que o nosso querido diretor está na Imprensa desde quando fundou, (em 1929) o periódico “O Tagarela” [...].<sup>4</sup>

Há no arquivo vários documentos com os mesmos títulos e o mesmo conteúdo, sendo então cópias dos outros. Entretanto, nesses documentos reproduzidos a partir de um inicial, há distinção na fidelidade de seu conteúdo, com observações colocadas em outros momentos da narrativa, perceptível pela tinta de outra cor e/ou são anotações sobrescritas às originais.

Percebe-se ainda que o tempo da escrita é diferente, pois as anotações sobre o documento são apenas fragmentos, uma ou duas palavras por linha, como se Coriolano Benício, ao ler seus manuscritos, fosse se lembrando de outros fatos e completando os documentos, ao até mesmo, trocando palavras, na busca de uma formalidade na escrita. A grafia nos documentos manuscritos é sempre a mesma, com variações de tamanho da letra e o uso de várias cores de caneta, quando não se utilizava lápis para as narrativas. As Figuras 02 e 03 apresentam dois documentos com o mesmo conteúdo geral, mas com pequenas alterações.

---

<sup>4</sup> As passagens entre parênteses referem-se à anotações feitas por Coriolano Benício posteriormente a primeira escrita do documento.

Figura 02: Documento 004 – Minha vida contada por mim mesmo.

Minha Vida Contada  
Por Mesmo

Coriolano Benício

Nosso Nascimento

Posso falar de mim mesmo?  
Posso?  
Então, com licença...

Foi num dia muito significativo que veio ao mundo, pois o calendário litúrgico assinalava a festa de

agora nessa cidade do Rio Grande

Fonte: CDH/FURG

Figura 03: Documento 006 – Minha vida contada por mim mesmo – o prólogo.

Minha Vida Contada Por  
Mim Mesmo

O Prologo

Quando nasceu ~~eu~~ Foi num dia muito significativo, pois o calendário litúrgico assinalava a festa de Nossa Senhora Auxiliadora, e de fato e de verdade a Virgem Puríssima <sup>do tempo auxiliadora</sup> nasceu muito e muito, embora indignamente, confessamos.

Pois foi no dia 24 de maio do ano da <sup>primeira</sup> guerra mundial, <sup>em</sup> Rio Grande, RS, <sup>na</sup> primeira guerra mundial, <sup>em</sup> Rio Grande, RS.

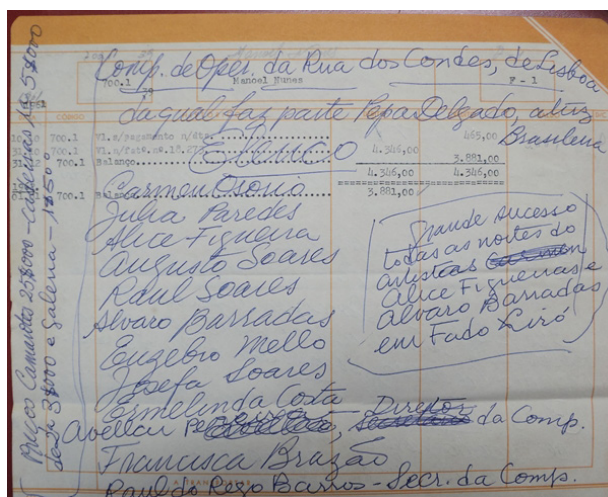
Fonte: CDH/FURG

A escrita nos documentos de Coriolano Benício é caracterizada como retrospectiva, ou seja, escrita após a ocorrência dos fatos. Essa distância temporal é referente às narrativas do período de sua infância até fatos referentes a diferentes momentos de sua vida adulta. Os documentos na sua maioria não apresentam datações quanto à inscricao, como mencionado, entretanto, em alguns manuscritos há a possibilidade de localização temporal, já que foram escritos em cartazes de propagandas políticas ou anúncios de produtos/espetáculos, por exemplo, sendo possível mensurar o período de publicação de tais materiais.

Os materiais dos manuscritos são os mais variados, tanto cadernos completos (escolares de tamanho pequeno), folhas A4, anotações em papéis pequenos (por exemplo, dimensão de 10cmx10cm), folhas de cadernos soltas, o verso de cartazes de publicidades ou campanhas políticas, papéis de maços de cigarros, papéis de embrulhos diversos e verso cartazes/*folders*.

Entende-se por constituir um documento manuscrito aquele documento com um conteúdo específico independente do seu formato e tamanho. Na escrita também eram utilizados os cantos dos papéis, como forma de ter mais espaços para a narrativa ou para complementar as ideias expostas no documento, assim como se utilizava, por vezes, da parte de trás dos papéis para continuar e/ou terminar a sua escrita. A Figura 04 ilustra uma escrita de Coriolano Benício, no qual ele utiliza um documento contábil como suporte, tendo escrito inclusive nos cantos da folha.

**Figura 04:** Documento 056 – elenco de uma peça teatral.



**Fonte:** CDH/FURG.

O arquivo pessoal de Coriolano Benício compreende ao total 360 documentos manuscritos, armazenados em 14 pastas arquivos. Elaborou-se classificações para a identificação dos conteúdos dos documentos, as áreas utilizadas foram: Vida pessoal, Teatro, Carnaval, Imprensa, Literatura, Cidade do Rio Grande e documentos cujo conteúdo não pôde ser identificado. O Quadro 01 apresenta o quantitativo de documentos por pré-tipologia utilizada.

**Quadro 01:** Levantamento dos conteúdos dos documentos manuscritos do arquivo pessoal de Coriolano Benício, CDH-FURG.

CONTEÚDO	QUANTIDADE DE DOCUMENTOS
Vida pessoal	18
Teatro	113
Carnaval	146
Imprensa	35
Literatura	24
Rio Grande	21
Sem identificação	3

**Fonte:** Elaborado pelo autor.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS...

A vida pessoal e as características históricas sobre a cidade do Rio Grande são as principais marcas do arquivo pessoal de Coriolano Benício, compreendendo que “os arquivos são práticas de identidade, memória viva, processo cultural indispensável ao funcionamento no presente e no futuro” (MATHIEU; CARDIN, 1990, p. 114 apud JARDIM, 1995, p. 6).

O arquivo permite que sejam realizadas dezenas de estudos sobre o teatro, a imprensa, o carnaval e a literatura na cidade do Rio Grande e região, a partir do período correspondente a 1913 a 1982 e suas relações sociais, pois uma “uma vida pode contar outras tantas” (DEL PRIORE, 2009, p. 10).

Este texto é parte integrante de minha pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), no qual trabalhei com o arquivo pessoal de Coriolano Benício e suas relações com (auto) biografia e memória social. Não se pretendeu aqui extinguir todas as possibilidades de análises do acervo e/ou sobre a figura de Coriolano Benício, mas sim expor parte das reflexões realizadas a partir do contato com a documentação.

## REFERÊNCIAS

ARQUIVO Nacional. *Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

BARROS, Dirlene Santos; NEVES, Dulce Amélia de Brito. Arquivo e memória: uma relação indissociável. *TransInformação*, Campinas, v. 21, n. 1, p. 55-61, jan./abr. 2009.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: SÉRIE OS PENSADORES. Textos escolhidos. São Paulo: Abril Cultural, 1975. p. 63-82..

CANDAU, Joel. *La métamémoire ou la mise en récit du travail de mémoire. Séminaire du “Groupe d’Études sur les Mémoires” Centre Alberto Benveniste*, Paris, 8 avril 2009.

\_\_\_\_\_. Mémoire collective et mémoire individuelle fonctionnent-elles selon le même modèle? *Archives*, Paris, n. 25, avril, 2008.

COOK, Terry. Arquivos pessoais e arquivos institucionais: para um entendimento arquivístico comum da formação da memória em um mundo pós-moderno. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 129-149, 1998.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Do baú ao arquivo: escritas de si, escritas do outro. *Revistas Patrimônio e Memória*, Assis/SP, v. 3, n. 1, p. 53-70, 2007.

DEL PRIORE, Mary. Biografia: quando o indivíduo conta a sua história. *Topoi: Revista de História*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 7-16, 2009.

FRAIZ, Priscila. A dimensão autobiográfica dos arquivos pessoais: o arquivo de Gustavo Capanema. *Revistas Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 59-87, 1998.

GOMES, Ângela de Castro (org). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HEYMANN, Luciana Quillet. Estratégias de legitimação e institucionalização de patrimônios históricos e culturais: o lugar dos documentos. In: REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DO MERCOSUL, 8., Buenos Aires, 2009. *Anais...* Buenos Aires, 2009. p. 1-19.

\_\_\_\_\_. Indivíduo, Memória e Resíduo Histórico: Uma Reflexão sobre Arquivos Pessoais e o Caso Filinto Muller. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 41-66, 1997.

IZQUIERDO, Iván. *Memória*. Porto Alegre: Artmed, 2002. p.96.

JARDIM, José Maria. A invenção da memória nos arquivos públicos. *Ciência da Informação*. Brasília, v. 25, n. 2, 1995.

MALATIAN, Tânia. Narrador, registro e arquivo. PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de. (Orgs.). *O Historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 195-221.

MEYER, Eugenia. O fim da memória. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 43, p. 31-44, 2009.

PEREIRA, Lígia Maria Leite. Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias. *História Oral*, São Paulo, n.3, p. 117-127, 2000.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RIBEIRO, Renato Janine. Memórias de si, ou ... *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 35-42, 1998.

RICOUER, Paul. *Memória, História e Esquecimento*. Campinas: Ed. UNICAMP, 2007. p. 535.